

**TODOS NÓS ADORÁVAMOS CAUBÓIS, DE CAROL BENSIMON:  
SEXUALIDADES EM TRÂNSITO**

***Eixo Temático 23 – Identidades e (Não)Representatividades de  
LGBTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil***

Jessé Carvalho Lebkuchen<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho trata da viagem como espaço de construção da sexualidade no romance *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon, discutindo o deslocamento como possibilidade de (auto)conhecimento identitário e os conflitos existentes entre o solo gaúcho e as sexualidades ex-cêntricas. Constata-se que os espaços, mesmo quando conflituosos, atuam como necessários para a constituição identitária das personagens, e elas também se tornam definitivas para uma possível mutação nos ambientes. Além disso, percebe-se que, mesmo incorporando padrões de gêneros como norteadores identitários, as personagens *queerizam* os locais percorridos, ultrapassando as fronteiras e colocando-se continuamente em trânsito.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Teoria queer, Literatura brasileira contemporânea, Literatura sul-rio-grandense.

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho analisa a construção da sexualidade através da viagem nas personagens do romance *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon. Tal proposta surge da definição da narrativa como uma *road novel*, ou romance de estrada, e da leitura do ensaio “Viajantes pós-modernos”, de Guacira Lopes Louro, publicado no livro *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer* (2018). A análise tem embasamento em estudos da literatura brasileira contemporânea e

---

<sup>1</sup>Doutorando em Letras, na área de Teoria da Literatura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução. Especialista em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Graduado em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [jesse.lebkuchen@edu.pucrs.br](mailto:jesse.lebkuchen@edu.pucrs.br)

na teoria *queer*, principalmente centrada nas reflexões de Regina Dalcastagnè (2012; 2015) e nos pressupostos de gênero de Judith Butler (2019), e justifica-se por destacar personagens mulheres como protagonistas em locais de predominância cultural machista e por suas sexualidades ex-cêntricas, que as afastam ainda mais das convenções sociais estabelecidas.

## **METODOLOGIA**

O trabalho, de caráter qualitativo, realiza-se a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando, para as discussões a respeito de gênero e sexualidade, a teoria *queer* e pressupostos dos estudos culturais e feministas. Além disso, para o debate de representações literárias e a análise do objeto, este estudo utiliza investigações na área da literatura brasileira contemporânea.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Regina Dalcastagnè (2012), a literatura brasileira segue os mesmos padrões narrativos desenvolvidos durante os séculos anteriores, desde que tem como interesse a busca por uma identidade nacional, sendo produzida nos mesmos espaços, que acabam apresentando somente uma perspectiva do país: patriarcal, cristã e com raízes europeias. Considerando seu estudo quantitativo de 258 romances publicados nas principais editoras do mercado brasileiro entre 1990 e 2004<sup>2</sup>, a amostra literária é predominantemente produzida por homens, heterossexuais, brancos e provenientes de classes sociais superiores, bem como seus personagens. Ao mesmo tempo que essa literatura aponta a presença de certos sujeitos singulares, demonstra uma ausência múltipla, de mulheres, negros e negras, indígenas, LGBTQ+, entre tantos outros.

Contudo, a literatura brasileira passa por um período de transição na contemporaneidade, na academia e – principalmente – no mercado editorial, já que

---

<sup>2</sup> O recorte da pesquisa centrou-se em três editoras: Companhia das Letras, Record e Rocco. A metodologia seguiu alguns requisitos na seleção dos romances, tais como serem escritos originalmente em português, por autor brasileiro nato ou naturalizado, terem sua primeira edição publicada durante o período escolhido e não estarem rotulados como romance policial, ficção científica, literatura de autoajuda ou infanto-juvenil.

esses territórios questionados por Dalcastagnè (2012) estão sendo ocupados e redescobertos de diferentes maneiras e por outras vozes, marginalizadas, tanto nos âmbitos que já existiam quanto em locais jamais cogitados, servindo como exemplo o livro desta análise, que é escrito por uma mulher e tem duas personagens mulheres e *queer* cruzando pelo território gaúcho e interiorano, que é marcado como um espaço masculino.

O sistema literário sul-rio-grandense constituiu-se, em especial desde a segunda metade do século XIX, a partir de uma construção identitária pampeana (referente à região dos Pampas, área essencialmente rural que compõe boa parte do estado do Rio Grande do Sul, bem como Uruguai e Argentina), que se materializa a partir da figura do gaúcho, homem do campo, espaço que, nesta mitologia, foi forjado e conquistado através da violência. O gaúcho, então, é um ser atrelado a um senso imutável de tradições, dentre as quais podemos encontrar a superioridade frente à mulher e compõe-se como o oposto das identidades ex-cêntricas que outros autores gaúchos, como Caio Fernando Abreu e Cintia Moscovich, inserem neste campo literário. Ao abordarem a homoafetividade masculina e feminina, em contextos distintos, trazem à tona a ausência existente na produção cultural brasileira e regional, realizada de outra maneira, já que, em uma visão heteronormativa, é marcada propositalmente, mostrando que não é o território destinado a essas identidades.

Na última década, escritas que narram vivências/personagens que se afastam da heteronormatividade surgiram como uma tendência contemporânea, podendo-se citar, em um contexto produzido no Rio Grande do Sul, obras de autores e autoras como Angélica Freitas, Atena Beauvoir, Carol Bensimon, Davi Koteck, Guilherme Smee, Luisa Geissler, Mariam Pessah, Mariana Diffini, Marília Floôr Kosby, Natalia Borges Polesso, Pedro Guerra, Rafael Bán Jacobsen, Samir Machado de Machado, Tobias Carvalho, Vitor Necchi, entre outros. Desse modo, pode-se compreender que se há um projeto que objetiva segregar identidades que fujam do padrão esperado, também há formas narrativas de resistência, que afirmam o seu lugar originalmente marginal e buscam ocupar distintos territórios, que nem sempre lhes são permitidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Todos nós adorávamos caubóis* narra a história de duas amigas que, após certo tempo afastadas e seguindo vidas distintas em continentes diferentes, se reencontram a fim de fazer uma viagem em solo interiorano gaúcho. Elas partem da BR-116 em direção à Antônio Prado, cidade interiorana da serra gaúcha. Mesmo com a relação de afeto que possuem de um passado não tão distante, elas demoram a desenvolver conversas fluídas, talvez por pressuporem que ainda eram as mesmas da época em que exerciam os planos. O início da viagem resalta o estranhamento entre elas e o próprio estranhamento de si, visto que nenhuma delas compreende os motivos de estarem ali naquele momento: trata-se de uma simples volta ao passado para cumprir planos idealizados, uma fuga de suas atuais realidades ou uma busca por entendimento de relações que não foram devidamente concluídas?

Os entre-lugares trazem às personagens um recomeço ou, melhor, um ponto de partida importante, na medida em que vivem vários dilemas pessoais e familiares. Em suas relações afetivas e sexuais, Cora aparenta se ver com um processo identitário formado. Ao mencionar a atração por garotas mesclando suas relações pessoais com objetos ou ações culturais, é possível entender como ela mesma enxerga sua construção sexual como um processo que, em sua visão, já está consolidado. Observando as formas como se relacionava com os gêneros masculino/feminino, compreende-se sua sexualidade baseada especificamente nas categorias sociais, como se ela tivesse fórmulas prontas para utilizar em cada relação. Suas preferências revelam um interesse maior por meninas, um tipo específico, quem dependiam de um esforço, muitas vezes por serem próximas à heterossexualidade, motivo de desejo e, posteriormente, arrependimento. Cora não sente necessidade de “escolher” um dos gêneros para sentir atração sexual, somente possui problemas com os padrões que assume desejar.

De outro lado, Cora não enxerga a sexualidade de Julia igual à sua. Para ela, a amiga/amante se trata de mais uma das garotas heterossexuais que experimentam a homossexualidade por um tempo, sem desejar isso para sua vida social, motivo que cria vários atritos entre elas. Assim, Cora desenvolve certo tipo de obsessão, pois ao não perguntar diretamente à Julia e buscar compreendê-la, tirando conclusões precipitadas

sobre sua sexualidade, acaba sofrendo por antecedência, atuando de formas por vezes exageradas. Em outra perspectiva, Julia compreende que as tentativas de Cora de revelar ao mundo a relação entre elas não se trata de uma busca por igualdade ou respeito às diferenças, mas de evidenciar a importância delas como um casal lésbico/bissexual que não o aparenta ser, entendendo que Cora considera a sexualidade em si como positiva, mas a aparência física dada ao estereótipo da homossexualidade feminina como negativa. Para Julia, ela precisa apontar sua visão de mundo e, mais do que isso, impô-la.

Essa discussão é importante para a compreensão das personagens: ao mesmo tempo em que ressurgem mágoas ainda existentes, possibilita perspectivas futuras de si e de suas relações. A viagem serve, portanto, como ponto de conexão. Após se despedirem e encerrarem a viagem, começam novos trajetos a fim de reatar outros laços. Dessa forma, pode-se pensar que as personagens passam por um processo de (auto)conhecimento, compreendendo de forma mais aprofundada algumas atitudes e memórias que viveram, mas também retornam a um ciclo comum, pois a viagem se encerra no mesmo ponto onde foi iniciada.

Além de uma constituição identitária das personagens, *Todos nós adorávamos caubóis* retrata uma busca de duas mulheres *queer* pela liberdade de tráfego. No entanto, a ocupação de locais que não lhes são designados não é realizada sem embates. Já no início da viagem, ainda em Porto Alegre, um homem confronta Cora pelo calçado utilizado por ela. É interessante essa cena ser realizada ainda na capital gaúcha, local anteriormente habitado pelas personagens e cosmopolita, onde a multiplicidade identitária supostamente não é um problema. Mesmo deslocado da sua zona, por estar vestido tradicionalmente no centro porto-alegrense, especificamente próximo à estação rodoviária, ambiente de encontros e passagens culturais, o homem busca impor a sua crível posição de poder, ao ditar o que ela deveria vestir por ser mulher. Ao mesmo tempo, verifica-se o enfrentamento de Cora e o gesto harmonioso de Julia. É possível ponderar aqui os papéis de gênero como norteadores identitários: ao passo em que Cora se vê mais próxima ao masculino e incorpora performances deste gênero, como a impossibilidade de ignorar os insultos por si só, mesmo que de uma forma próxima à

conformidade, Julia assume o posicionamento de submissão e reconciliação, ligados culturalmente ao gênero feminino.

Em outros momentos também são percebidos os conflitos existentes pelo território interiorano gaúcho ser transcorrido por duas mulheres: “O nome de um armazém pintado à mão. Três cadeiras de palha postas expressamente para que se olhasse o movimento dos carros. Nós paramos para comprar frutas e água. O velho proprietário perguntou: ‘O que duas gurias como vocês estão fazendo aqui?’” (BENSIMON, 2013, p. 77). O espanto, em forma de questionamento, evidencia que naquele lugar, exterior à casa, seu gênero não é desejado, como se faltasse, no mínimo, uma presença masculina, que serviria de proteção ou autorização. Além disso, exhibe como as personagens infringem às regras sociais de conduta, pois além de serem mulheres, são tipos específicos, ressaltadas na expressão *gurias como vocês*, que subvertem a dominação masculina do espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todos nós adorávamos caubóis* comprova uma resistência e subversão no que diz respeito aos territórios da literatura brasileira e sul-rio-grandense contemporânea, não por apresentar uma forma prescritiva de como sujeitos devem atuar em suas vivências de gênero e sexualidade, mas ao apontar a relevância dessas vidas e das experiências como formadoras identitárias. A viagem mostra-se, neste caso, como fator de compreensão de si, ao tornar visíveis às personagens aspectos não antes percebidos, tanto em relação às suas sexualidades quanto aos outros tipos de relacionamentos. Julia e, principalmente, Cora passam a entender que o importante não é a afirmação de sua identidade, como um resultado definitivo, mas as vivências realizadas em sua construção.

Conclui-se que os espaços, mesmo quando conflituosos, atuam como necessários para a constituição identitária das personagens, e elas também se tornam definitivas para uma possível mutação nos próprios ambientes. Nesse sentido, *ser* mulher, lésbica e/ou bissexual, em um território conservador e machista, é relevante, porque exige mudanças nas perspectivas vigentes, buscando desestruturar as raízes fixadas culturalmente. Mesmo incorporando em suas atitudes padrões de gêneros como

norteadores identitários, pois vivenciam as normas de um sistema binário, as personagens *queerizam* os locais percorridos, ultrapassando as fronteiras e colocando-se continuamente em trânsito.

## REFERÊNCIAS

BENSIMON, Carol. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. *Criação & Crítica*, São Paulo, n. 20, p. 3-19, abr. 2018.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.